



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UNB
INSTITUTO DE LETRAS - IL
DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURA**

**ORGULHO E PRECONCEITO: UMA ANÁLISE DO
PAPEL DA MULHER NA SOCIEDADE INGLESA DO
SÉCULO XVIII**

AUTORA: BRUNNA DE SOUSA TONETE

ORIENTADORA: PROFA. MA. MICHELLE ANDRESSA ALVARENGA DE SOUZA

Brasília, 2023

BRUNNA DE SOUZA TONETE

Orgulho e preconceito: Uma análise do papel da mulher na sociedade Inglesa do século XVIII

Monografia apresentada ao Departamento de Teoria Literária e Literatura, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Licenciatura em Letras Inglês, sob a orientação da Profa. Ma. Michelle Andressa Alvarenga de Souza.

Brasília-DF, Julho de 2023.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer a Deus pela oportunidade de me graduar em uma área que agrega tanto na minha vida. De agradecer aos meus pais, Wanderlúcia e Tarcísio Tonete, que nunca me deixaram faltar nada e sempre incentivaram aos meus estudos. Obrigada por me amarem tanto! Também as minhas irmãs que me ouviram falar de histórias e mais histórias sobre livros que nunca tentaram ler, Mércia e Luciana, vocês tornam minha vida mais divertida. Aos meus avós, Isná e Lúcia, que também estão sempre comigo e me incentivando. À minha vó Neuza e a minha tia Maria que nunca deixaram de me amar e acreditar em mim, eu te amo muito e sinto a sua falta! E também ao meu namorado, Alysson, que me ouviu falar sobre isso repetidas vezes, e tentou me ajudar a não perder o foco quando eu queria desistir de tudo e ir dormir.

Esse trabalho é com certeza o reflexo da Brunna que aos 7 anos de idade leu seu primeiro livro na biblioteca da escola pública onde estudava. O momento foi tão marcante para ela que depois daquilo releu o livro quatro vezes seguidas. A mesma Brunna que aos 12 anos iniciou “o clube do livro” com seus colegas de turma e conseguiram ler todas as novidades daquele ano. É logicamente também é um reflexo desses amigos que participaram dessa fase da sua vida: Bianca, João Vítor, José Henrique, Nathan... Obrigada por terem tornado as aventuras de Percy Jackson mais emocionantes. Aos 16 anos, a Brunna começou a escrever seus próprios roteiros para a escola se apaixonou ainda mais por literatura, mas apesar do carinho pela área, nesses anos de graduação acabou se desconstruindo.

Ler não era mais um prazer na sua vida, mas uma obrigação. Por isso eu dedico esse trabalho também à minha orientadora Michelle, que em suas aulas maravilhosas sobre a Idade Média me fez rir muito das histórias de *Chaucer*, o que me levou a voltar a amar a ler, e ainda me orientou pacientemente para que eu conseguisse produzir o presente trabalho. Professora, você é incrível e eu te admiro muito!

Eu também não posso deixar de agradecer às amigas que eu fiz na UnB, em especial as pessoas que estavam comigo nesse último semestre, e apesar da correria dos estágios e trabalho de conclusão de curso, sempre me

estenderam a mão. Fernanda Sales e Kamila Magalhães, "*saranghaeyo*". Lays, a gêmea favorita do meu coração, eu não teria sobrevivido com sanidade mental esses últimos anos sem sua amizade e sinceridade.

E por fim, aos demais professores que me acompanharam até aqui. Nady, Wedna, Margarida, Josina, Elizabete, Jhonatan, Tatiane, Márcia, Marisa, Dani, Mariana, William, Tiago Rolim... foram muitos que marcaram a minha vida, a vocês eu escrevo o meu mais sincero obrigada!

RESUMO

O objetivo desse trabalho é de analisar o papel da mulher na sociedade de Jane Austen, Inglaterra século XVIII, ao trazer uma análise de uma de suas obras mais importantes: *Orgulho e Preconceito*. A partir disso, os objetivos específicos dessa monografia são analisar Jane Austen como uma mulher à frente de seu tempo, suas características feministas que foram expressas em suas obras em terceiro plano, e analisar a importância do romance nesse processo.

Palavras chaves: *Jane Austen, Orgulho e preconceito, Romance, Feminismo, Influência feminista em Jane Austen, contexto sócio-histórico do século XVIII, Inglaterra do século XVIII, direito da mulheres.*

ABSTRACT

The objective of this work is to analyze the role of women in Jane Austen's society, England in the 18th century, by bringing an analysis of one of her most important works: *Pride and Prejudice*. From this, the specific objectives of this monograph are to analyze Jane Austen as a woman ahead of her time, her feminist characteristics that were expressed in her works in the background, and to analyze the importance of the novel in this process.

Keywords: *Jane Austen, Pride and Prejudice, Romance, Feminism, Feminist influence on Jane Austen, 18th century socio-historical context, 18th century England, women's rights.*

Sumário

Agradecimentos	3
Resumo	5
Introdução	8
Capítulo I: Contexto sócio histórico	10
Panorama geral.	10
A importância da prensa no cenário Europeu.	11
Direito das mulheres na Inglaterra do século XVIII.	12
A educação das mulheres.	14
A classe social “ <i>Gentry</i> ”	16
Capítulo II: Teoria Literária.....	19
Um novo Gênero literário: O Romance.....	19
O romance e Jane Austen	21
Orgulho e Preconceito	23
Os personagens da Obra	24
A escrita de Jane Austen	27
Capítulo III: Crítica Literária.....	30
Temas em Jane Austen.....	30
Jane Austen e o feminismo	30
Análise da obra.....	33
Questões feministas no romance de Austen	39
Considerações finais.....	42
Referência bibliográfica.....	43

INTRODUÇÃO

No século XVIII, a Grã-Bretanha vivenciou um período de mudanças significativas, impulsionadas pela Revolução Industrial e o emergente mercado editorial. Nesse contexto, o romance se estabeleceu como uma forma literária revolucionária, alcançando especialmente o público feminino e se tornando o meio primordial da expressão da classe burguesa. Contudo, as mulheres enfrentavam sérias restrições legais e educacionais, uma vez que eram consideradas "posse" de seus maridos sob a "*common law of coverture*". A educação feminina era limitada, focada principalmente em habilidades domésticas, e as mulheres de classes sociais baixas tinham ainda menos oportunidades.

Nas classes mais altas dentro da burguesia, como os grandes proprietários de terra, denominados *gentry*, algumas mulheres tiveram acesso a uma educação mais ampla, embora ainda limitada comparada à dos homens aristocratas. No entanto, a sociedade frequentemente desencorajava as mulheres a buscar conhecimento intelectual, perpetuando a ideia de sua suposta inferioridade intelectual.

Nesse cenário, a literatura desempenhou um papel importante ao oferecer inspiração e perspectivas às mulheres. O romance *Orgulho e Preconceito*, de Jane Austen, refletiu a sociedade da época e se tornou uma fonte de identificação e inspiração para muitas mulheres do século XVIII. Austen, uma das pioneiras da literatura feminina, explorou as complexidades das relações sociais e o papel das mulheres na sociedade, desafiando as normas e expectativas impostas a elas.

Apesar das dificuldades enfrentadas pelas mulheres, o século XVIII foi marcado por mudanças sociais e literárias que delinearam uma nova era. O surgimento do romance e a disseminação do conhecimento através da prensa possibilitaram uma abertura para novas ideias e perspectivas, inclusive as das mulheres, que buscavam uma voz e uma identidade própria em meio a uma sociedade em transformação.

Portanto, o século XVIII na Inglaterra foi um período problemático, mas também de avanços culturais e literários que contribuíram para a evolução da posição das mulheres na sociedade e para a construção de uma nova identidade feminina. As limitações e desafios enfrentados pelas mulheres no contexto legal e

educacional foram confrontados e questionados por meio da literatura, abrindo caminho para uma nova consciência e empoderamento feminino.

Este trabalho de conclusão de curso almeja investigar o papel da mulher na sociedade britânica do século XVIII e o reflexo disso na obra de Jane Austen, *Orgulho e Preconceito*. Partimos da problemática levantada por Jane Austen quanto à subordinação das mulheres para desenvolver uma investigação que analisa justamente o papel social delas e como este romance contribuiu para uma reflexão sobre a inadequação desse formato social.

No primeiro capítulo, abordamos a perspectiva histórica, que busca trazer elementos históricos que tragam sentido a obra. Em seguida é apresentada a teoria literária, temática e personagens do enredo, para, por fim, trazer uma análise do romance *Orgulho e Preconceito*.

Capítulo I: Os contextos social e histórico

Panorama geral

O século XVIII foi um período problemático na história da nação britânica, marcado por importantes controvérsias relacionadas a questões de poder, autoridade e domínio. A Grã-Bretanha passou por mudanças significativas em sua economia, tensões sociais e políticas. Apesar da Revolução Industrial ter tido um grande impacto na sociedade menos privilegiada, a Inglaterra manteve sua monarquia e aristocracia, bem como sua obsessão pela expansão colonial e benefícios provenientes do comércio. No campo literário, a literatura histórica se formou como um artifício montado por várias gerações e possuindo pouca relação com a real experiência literária daquele período (DARNTON, 1995).

Dentre as mudanças significativas do século, a mecanização das fábricas se destaca por ter criado uma nova classe social denominada classe trabalhadora, a qual transformou as relações de trabalho de homens e mulheres. Diversos autores, como Karl Marx em "*O Capital*" e E.P. Thompson em "*A Formação da Classe Trabalhadora Inglesa*", analisaram como essas mudanças levaram a uma exploração mais intensa dos trabalhadores e a uma luta por melhores condições de vida e trabalho. Robert Allan (1986) também discute sobre o assunto e diz que apesar de receberem significativamente menos, essas mudanças possibilitaram que mulheres de uma classe social mais baixa de se tornassem mais independentes (quando não casadas).

Havia também nesse período as tensões sociais entre a aristocracia e a classe trabalhadora. A sociedade britânica do século XVIII era altamente estratificada: a classe trabalhadora frequentemente enfrentava pobreza, más condições de trabalho e falta de representação política; a aristocracia, por sua vez, possuía grande parte da terra e do poder político. Entre eles havia também os nobres, ou "*gentry*", que possuíam terras e uma posição social mais elevada que a da classe trabalhadora na sociedade, mas que não possuíam as regalias da aristocracia inglesa.

Em meio a tudo isso, a Inglaterra se tornou a capital que produziu o maior número de cultura impressa, finanças, moda e outras atividades comerciais criativas. De acordo com o historiador e professor de Harvard Robert Darton (1996),

a prensa produziu uma quantidade incrível de material impresso, desde panfletos políticos e literatura popular até livros acadêmicos e científicos, tornando o acesso à educação um pouco mais abrangente e permitindo a circulação e expansão de uma nova forma literária de ficção que impulsionaria a sociedade leitora do país, sobretudo as mulheres: o romance.

Além da revolução literária representada pelos romances de Jane Austen, durante esse período da história mundial também ocorreu uma importante inovação tecnológica que permitiu a produção de livros em larga escala. Dessa forma, o surgimento da prensa de impressão movida a vapor, foi gradualmente substituindo os métodos manuais de impressão. Essa inovação revolucionou a indústria editorial, possibilitando a produção mais rápida e eficiente de livros, tornando-os mais acessíveis e ampliando o alcance da leitura. A disseminação da escrita por meio da impressão em larga escala teve um impacto significativo na democratização do conhecimento e na disseminação da literatura depois disso. A importância da prensa no cenário Europeu.

A importância da prensa no cenário Europeu

A invenção da prensa por Gutenberg no século XV foi um marco importante na disseminação da informação e da cultura. Todavia, não foi até o século XVIII, na Inglaterra, que a impressão em massa em constante evolução se tornou uma indústria e contribuiu para a economia nacional do século, permitindo que livros, jornais e outros materiais impressos fossem produzidos em volumes e custos mais acessíveis. Isso facilitou a disseminação de conhecimento e informações e criou novos negócios e oportunidades de emprego. Além disso, a imprensa tornou-se um meio importante para a difusão de ideias e opiniões, e também ajudou a padronizar o idioma inglês, pois os livros impressos criaram referências para ortografia e gramática.

Nesse período, algumas mudanças significativas aconteciam no cenário literário devido à invenção da prensa. Isso possibilitou maior velocidade na publicação de livros, ajudou no aumento do número de mulheres escritoras sendo lidas entre os leitores da época, influenciou o preço de novos romances, os quais se tornaram mais caros devido à influência causada pelas guerras napoleônicas,

resultando no aumento do preço do papel, da impressão e da publicidade (FERGUS, 2012). Os periódicos também cresceram em número, junto com os críticos que passaram a ver a ascensão da ficção de romances como literatura e não meramente entretenimento. O sucesso das publicações dos escritores que experimentavam com a nova forma literária, dentre eles Austen, dependia muito desse mercado.

Segundo Judy Simons (2012), a criação de novos modos de distribuição da cultura impressa, incluindo a biblioteca, resultou em um grande aumento no volume de publicações, especialmente de romances. Leslie Stephen (2012) concorda e afirma que a extensão gradual dessa classe leitora afetou o desenvolvimento da literatura a ela dirigida, apontando o surgimento do romance como efeito dessas mudanças no público literário. Simons (2012) afirma ainda que foi William Lane, um livreiro bem-sucedido, o responsável por capitalizar essa mudança no consumismo, lançando em 1790 a Minerva Press, que atendia a um público leitor sem discriminação. Frequentemente publicando autores anônimos, a Minerva direcionou seus produtos para as leitoras femininas e, segundo a autora, foi amplamente responsável pela má confiança dada à ficção popular pelos críticos mais severos.

Diante desse cenário, a mudança social dentro da sociedade inglesa do século XVIII estava estabelecida. Os livros ainda eram artigos de luxo, caros a maioria dos consumidores, mas expandiu-se o acesso à literatura e de escritores dentro do mercado.

Logo, durante o século XIX, as mulheres constituíam uma parte significativa do público leitor, demonstrando um interesse crescente pela informação e pela cultura. No entanto, é importante destacar que o acesso às obras literárias e à educação não resultou necessariamente em avanços significativos em termos de independência financeira, política e social para as mulheres. Apesar de seu envolvimento no mundo literário, as restrições sociais e as normas patriarcais ainda limitavam suas oportunidades e possibilidades de ascensão em diversas esferas da vida. Embora as mulheres pudessem desfrutar das histórias e dos conhecimentos transmitidos pelos livros, suas lutas pela igualdade e pela liberdade ainda estavam longe de serem plenamente alcançadas na sociedade da época.

Direito das mulheres na Inglaterra do século XVIII.

Apesar da Constituição britânica tornar-se tema para elogio, na Inglaterra do século XVIII, as mulheres tinham poucos direitos legais e eram consideradas inferiores aos homens em termos de status social e poder político. Além do direito de voto ser exclusivo para homens, as mulheres não podiam ocupar cargos públicos, ter acesso à educação superior, ou herdar propriedades privadas. De acordo com a "*common law of coverture*", que não era uma única lei específica e sim uma série de normas e práticas baseadas em precedentes judiciais que se acumularam ao longo do tempo, as mulheres eram "posse" de seus maridos.

O sistema legal que governava os casamentos no século XVIII era baseado no ideal de que o marido era o provedor financeiro e a esposa deveria cuidar da casa e dos filhos. Por ser vista como uma propriedade do marido, as mulheres não tinham direitos legais independentes. Esse sistema foi gradativamente reformado ao longo do século XIX, graças às lutas das mulheres que reivindicavam direitos e igualdade de gênero.

Margot Finn ¹(1996) aborda o assunto jurídico da lei do "*coverture*", que é o conceito legal da época em que a existência jurídica das mulheres casadas se torna suspensa ou incorporada à do marido. A autora se baseia em várias fontes para discutir essa questão, incluindo as observações do jurista, advogado e professor de direito inglês William Blackstone (1723-1780), que ficou conhecido por seus comentários nas Leis inglesas do século XVIII, onde afirmou que "pelo casamento a própria existência ou existência jurídica da mulher era suspensa" ². Além disso, Finn cita Susan Kingsley Kent ³, a qual argumenta que as mulheres não possuíam uma existência separada de seus maridos, e Mary Lyndon Shanley ⁴, que resumiu a mulher como propriedade do marido. Dessa forma, as mulheres casadas não tinham controle sobre suas próprias propriedades e dinheiro, tudo era administrado pelo marido ou responsável legal.

Frequentemente sujeitas ao abuso físico e emocional por parte de seus maridos sem nenhuma proteção legal significativa, as mulheres casadas eram incapazes de obter um divórcio facilmente. Apesar de se referir majoritariamente a

¹ Historiadora britânica especializada em história social e cultural da Grã-Bretanha dos séculos XVIII e XIX.

² "by the marriage the very being or legal existance of a woman is suspended".

³ Historiadora especializada em história das mulheres e gênero.

⁴ Teórica e acadêmicas sobre a teoria política feminista, a cidadania das mulheres e os direitos das mulheres.

mulheres de classe social mais alta (cujo dote lhe garantia um casamento), a situação da mulher no século XVIII não era amigável para as mulheres de classes sociais menos favorecidas. Eleanor Hubbard (2018) discute sobre como essas mulheres viviam e se relacionavam com a sociedade antes da revolução Industrial, período em que muitas não possuíam oportunidade de se casar e viviam sua independência trabalhando em casa de famílias. Ou seja, mesmo diante do cenário desanimador, as mulheres nessa época, principalmente as de classe social mais baixa, já usufruíam de menor controle patriarcal, algumas inclusive tinham o direito de trabalhar nas fábricas, em péssimas condições e salários, mas uma mudança mínima de comportamento que levariam outras mulheres a questionar sobre seus direitos no mundo.

Assim, a situação social e política das mulheres era amplamente restrita pelas normas patriarcais e pelas estruturas sociais da época. As mulheres eram consideradas inferiores aos homens e suas oportunidades de participação na vida pública eram severamente limitadas. No entanto, durante esse período, houve um certo avanço em relação à educação feminina, embora ainda fosse bastante limitada. Alguns segmentos da sociedade passaram a reconhecer a importância da educação para as mulheres, especialmente nas classes mais privilegiadas. No entanto, o acesso à educação ainda estava restrito a um número limitado de mulheres e o currículo enfatizava principalmente habilidades consideradas adequadas para seu papel na sociedade, como habilidades domésticas e básicas de leitura e escrita. Apesar dessas limitações, a educação representou um passo significativo na direção da valorização intelectual e do empoderamento das mulheres no século XVIII.

A educação das mulheres

No século XVIII, a educação das mulheres na Inglaterra era geralmente limitada e restrita ao ambiente doméstico. A maioria das mulheres recebia uma educação básica em casa, que se concentrava principalmente em habilidades domésticas, como a costura, o bordado e a culinária. Pouca ênfase era dada à educação formal, como matemática, ciências e literatura pois a sociedade valorizava

a educação religiosa e a disciplina social como primordiais, enquanto ler e escrever era vistos como objetos secundários.

As mulheres da classe alta tinham mais chance de desenvolver tais competências do que as de classes sociais baixas, pois as oportunidades de instrução nesse período eram baixas para elas por não existir um sistema educacional e sim uma rede de escolas mantidas ou não por doações. Ian Watt (1917) afirma que o ensino se tornava ainda mais complicado ao público de baixa renda devido à frequência nas aulas – geralmente breve e irregular, onde as crianças pobres deixavam as escolas aos seis ou sete anos para trabalhar -, ao custo elevado de aulas particulares – como as aulas ensinadas nas “*Dame school*” -, e devido aos valores educacionais oferecidos nas escolas de caridade - que desvalorizavam a educação culta frente a social e religiosa.

Sendo assim, a elite dominava a educação formal, ao serem providos com tutores particulares. Entretanto, as meninas desenvolviam principalmente as habilidades consideradas apropriadas para uma dama, como música e arte. Elas não tinham acesso às mesmas oportunidades educacionais que os homens aristocratas, e não eram aceitas em muitas escolas e universidades. Quando desejavam ter uma educação formal eram frequentemente vistas com desconfiança e até mesmo ridicularizadas na sociedade, pois se acreditava que a educação formal fosse prejudicial às mulheres, tornando-as intelectualmente arrogantes e incapazes de cumprir suas responsabilidades como esposas e mães. (OLIVEIRA, 2015)

Muitas pessoas acreditavam que as mulheres eram naturalmente inferiores aos homens em termos de capacidade intelectual, e que tentar educá-las para serem iguais aos homens era contrário à natureza divina. As mulheres que desafiavam essa norma social eram muitas vezes consideradas transgressoras e criticadas publicamente. Essa visão era amplamente sustentada por crenças sociais, religiosas e filosóficas da época. Por exemplo, o filósofo Jean-Jacques Rousseau, que também afirmava sobre a inferioridade da mulher, conforme cita L’Aminot (1995):

A crítica feminista de Rousseau durante o período que o movimento é organizado, que vai de 1880 a 1918, é bastante variada. (...) Longe de o condenar por essa opinião [de que seu tratado de educação subordina a mulher ao homem], as feministas do começo do século são indulgentes para com ele. Para grande parte delas, Rousseau ainda conserva seu poder revolucionário e suas ideias não são tidas como como um risco às

conquistas da mulher moderna, como serão interpretadas mais tarde”. (L'AMINOT apud PAIVA, 2019, p. 375, nota de rodapé 4)

Assim, a mulher era vista como objeto de posse e intelectualmente inferior ao homem. Apesar da dificuldade em achar material que tratasse especificamente da educação das mulheres na Inglaterra nesse período, citamos o trabalho de Geradine Meaney (2013), que aborda a situação na Irlanda no fim do século XVII. Uma vez que a Irlanda era colônia inglesa, acreditamos ser possível apresentar uma perspectiva similar àquela inglesa no mesmo período. Apesar das tentativas de levar adiante a educação de meninas e mulheres no período, ela afirma que ao final do século XVII na Irlanda, nas revistas direcionadas ao público feminino havia a ausência de artigos que focassem na educação da mulher, pois esses haviam sido substituídos por itens que se tornaram padrão nas revistas: conselhos sobre o casamento, contos românticos e moda. Isso é um reflexo que se perpetuou na Europa por mais alguns séculos, até que começassem a defender o direito da mulher a educação.

Durante esse período, a educação das mulheres era predominantemente limitada ao âmbito doméstico. Apenas as mulheres de classes sociais mais privilegiadas, como a nobreza, tinham acesso a tutores e aprendiam a ler e escrever. No entanto, para as mulheres das classes média e baixa, o hábito da leitura começou a se desenvolver devido ao tempo livre e à maior acessibilidade aos livros. Essa mudança também atingiu os grandes proprietários de terra, os membros da *gentry*, que tinham bibliotecas em suas residências, proporcionando um ambiente propício ao aprendizado. Embora tenha havido avanços na educação das mulheres, essas oportunidades ainda eram limitadas em comparação com as disponíveis para os homens.

A classe social “*Gentry*”

Apesar da dificuldade em encontrar informações sobre essa classe social especificamente, Adam Nicholson (2010) escreveu uma obra extensa que visa apresentar a vida e famílias de nobres⁵ ingleses desde o século XV até a data de

⁵ Neste trabalho entendemos por aristocratas as pessoas com riqueza e título de nobreza e por nobres os membros da alta burguesia e grandes proprietários de terras que compõem a classe social da *gentry*.

sua publicação. Baseando-se em cartas e outras evidências que seu estudo o levou a procurar sobre essas famílias específicas, Nicholson relata que esses nobres passaram por mudanças políticas, econômicas e sociais durante esse período, ora afastando-se do governo, ora mantendo relações de proximidade com ele. Outro fator, já mencionado anteriormente, que afetou a vida dessa camada da sociedade, foi a industrialização do país, que transformou o sinônimo de riqueza. Ou seja, possuir terras não era mais a única riqueza, mas um elemento a mais. Deborah Aschkenes, do Departamento de Inglês e Literatura Comparada da Universidade Columbia, afirma que:

Embora a industrialização e a urbanização tenham começado a se estabelecer no final do século XVIII, o setor mais influente da sociedade na época de Austen era a nobreza rural.⁶ (ASCHKENES, s/d, tradução nossa).

Esses comentários permitem uma reflexão sobre o conhecimento que a comunidade possui sobre essa classe. A maioria das informações provenientes de romances de ficção do período, como o fato da família ser a base da sustentação da comunidade “*gentry*”, onde, de acordo com o autor de “*the gentry*”, possuíam o psicológico de linhagem, com a preocupação de honrar aos seus antepassados, e possuir um casamento com herdeiros homens. Essa concepção parte do princípio de hereditariedade, pois os nobres ingleses possuíam terras, mas não necessariamente dinheiro ou título de nobreza. A terra lhes garantia uma posição, uma linhagem longa e honrada lhes garantiria respeito, contudo, era comum que os “pequenos nobres”, como os que passaram a cultivar metade da área na Inglaterra após a Primeira Grande Guerra, facilmente não conseguiam se manter entre os nobres e sua propriedade era transferida para outro pequeno nobre.

Ao longo dos séculos XVIII e XIX, a propriedade de terras inglesas estava concentrada nas mãos das classes nobres relativamente pequenas, que mantinham seu domínio sobre a terra por meio de um sistema que incentivava a consolidação e a expansão das propriedades, aplicando leis de herança estritas. As “vinculações” [*entails*] mencionadas no romance foram estabelecidas durante esse período com o objetivo de concentrar riqueza e aumentar as propriedades, direcionando a propriedade para filhos homens ou parentes masculinos, em vez de dividi-la e distribuí-la entre os membros da família.⁷ (ASCHKENES, s/d, tradução nossa).

⁶ Though industrialization and urbanization had begun to take hold at the end of the eighteenth century, the most influential sector of society in Austen’s time was the landed gentry.

⁷ “Throughout the eighteenth and nineteenth centuries, ownership of English land was concentrated in the hands of the relatively small landed classes, who retained their hold over the land through a system that encouraged the consolidation and extension of estates by enforcing strict inheritance laws. Entails of the kind referred to in the novel were established during this period in order to

Nessa perspectiva, é interessante salientar que as heranças eram transmitidas de pai para filho primogênito, ou o parente mais próximo do sexo masculino, conforme afirmou Marina Amaral (2015). De acordo com um relatório publicado pela BBC do Reino Unido em seu website, há algumas características que a população "*gentry*" possui, como casas de vários andares com muitos vidros nas janelas, pomares e hortas, comida suntuosa, terras e poder político. Tudo isso é importante e reflete o status social daquela família.

Além disso, o comportamento social era duramente criticado entre os *gentry* e aristocratas. Nicholson (2010) apresenta o argumento de um nobre, onde escreveu em uma de suas correspondências condições para que fosse considerado um cavalheiro. Sir. William Vaughan afirma que o homem deve ser afável e cortês, tanto em fala quanto em comportamento, possuir um coração aventureiro para lutar, ser misericordioso e generoso, caso contrário, o cidadão seria considerado como um possuidor do título de palhaço e "*country boor*", um mero camponês.

Dessa forma, entende-se que posição social demandava muito mais conteúdo do que títulos e propriedades. A educação social era importante para manter as aparências, assim como a honra. Isso facilita a compreensão de alguns acontecimentos descritos nos romances, que para o público leitor contemporâneo, pode se tornar difícil de compreender.

concentrate wealth and enlarge estates by funneling property to male children or male relatives rather than breaking it up and distributing it amongst family members."

Capítulo II: Teoria Literária

Um novo Gênero literário: O Romance

O romance, modo de expressão primordial da classe burguesa, foi uma forma literária importante na criação de um senso de individualidade e subjetividade durante a era moderna. Susan J. Wolfson⁸ (2012) aborda o surgimento do gênero romance e sua evolução para a forma literária. Ela argumenta que o gênero se tornou uma forma popular de expressar as experiências e perspectivas individuais em um mundo em rápida mudança, o que permitiu que as mulheres escritoras explorassem temas e ideias inovadoras na literatura.

Wolfson foi pontual em sua argumentação, concordando com o que o crítico literário e historiador britânico Ian Watt afirma em seu livro *A ascensão do romance*, publicado em 1957. Watt contextualiza a ascensão do romance a mudança do público leitor, que passou a buscar mais as experiências sociais e morais, que se rompessem ao ideal apresentado nas ficções anteriores. O autor afirma que o romance retrata todo tipo de experiência humana, não utilizando da perspectiva literária do personagem genérico representado, mas conferindo importância ao processo de pensamento na consciência do indivíduo e a maneira que ele é representado, uma narrativa mais fluida que individualiza os sujeitos por não os associar a tipos humanos e cenários genéricos.

O termo "Romance" era originalmente usado de forma pejorativa para descrever obras de ficção consideradas de baixa qualidade, geralmente associadas às mulheres e à cultura popular que, somente no final do século XVIII, começou a ganhar reconhecimento e legitimidade como uma forma literária válida, principalmente através dos trabalhos de escritores como Samuel Richardson (1689-1761), Henry Fielding (1707-1754) e Laurence Sterne (1713-1768), que são reconhecidos por suas contribuições iniciais para o desenvolvimento do que se tornaria o romance inglês. Antes disso, a preferência por literatura "clássica" prevalecia devido a controvérsias sobre os temas "vulgares" associadas ao realismo que retratava a vida vulgar, reflexo do comportamento dos escritores romancistas, que não objetivavam mais satisfazer os padrões dos mecenas e da elite literária, mas escreviam de maneira explícita ou tautológica sobre temas cotidianos, o que

⁸ Professora de literatura inglesa na Universidade de Princeton que estuda sobre literatura dos séculos XVIII e XIX.

facilitava a leitores menos instruídos a sua compreensão. Watt acrescenta que os romances se dissociavam da literatura religiosa, pois os leitores do século XVIII tinham gostos cada vez mais laicos devido ao Iluminismo, gerando aumento de vendas das obras desse gênero literário, que se dirigia a um público mais amplo. Outro fator para tal associação do Romance com o “vulgar”, está associado a dois grandes grupos de trabalhadores do período: os aprendizes e criados, que dispunham de mais tempo para leitura do que os trabalhadores das fábricas e tinham acesso as bibliotecas das casas onde trabalhavam, incluindo os romances que a senhoras liam para ocupar o “tempo ócio”.

Nesse período, as mulheres de classe alta e média podiam participar de poucas atividades consideradas “masculinas”, como política, negócios, ou administração de suas propriedades, e eram responsáveis principalmente pelas atividades relacionadas ao lar e a criação de seus filhos. Entretanto, com o avanço da revolução industrial e as facilidades que as máquinas traziam à produção, muito do que as mulheres costumavam a fazer em suas moradias passou a ser produzido por outras fontes, tornando o tempo que dedicavam a tais atividades um tempo livre, sem obrigações, ou ócio. Essa falta de “lazer” levou a crescente participação do público feminino dentro do campo literário. Leitoras assíduas e incentivadas por seus maridos a consumirem o material.

Há algumas razões pelas quais o estudo se adapta melhor no mundo feminino que o masculino. Primeiro porque as mulheres dispõem de mais tempo livre e levam uma vida mais sedentária (...) Existe outra razão para que sobretudo as mulheres de posição se dediquem às letras, a saber, porque seus maridos geralmente não são versados nelas. (GUARDIAN, 1713, apud WATT, 1957).

Dessa forma, a leitura por lazer era considerada, mesmo entre a aristocracia, uma atividade feminina. Ainda assim, apesar do custo elevado para possuir um livro, as mulheres menos abastadas financeiramente também tinham acesso a tais ferramentas. B.L. de Muralt (1694) afirmou que isso ocorria apesar do valor a ser investido, mesmo entre as pessoas mais humildes, os maridos raramente faziam suas mulheres trabalharem. Logo, possuíam tempo e interesse em continuar com o hábito da leitura. Esse comentário foi feito no século anterior ao período aqui estudado, mas salienta que o “ócio das mulheres” acontecia dentro da sociedade há algum tempo e se intensificou com as transformações socioeconômicas que aconteceriam no século seguinte, como a inserção das mulheres no mercado de trabalho na indústria de Londres, e a mudanças nas atividades domésticas um

reflexo importante do papel das mulheres dentro da sociedade que incentivou a busca por seus direitos.

É importante ressaltar também que o romance é um gênero literário que não se vincula ao movimento do romantismo. Ironicamente, Ian Watt afirma que o realismo é o elemento chave que difere a ficção do romance das histórias anteriores. Existem outros padrões e técnicas que podem ser observadas nos romances do período, mas a principal seria a atribuição de identidade pessoal aos personagens. Tal fator leva a desenvolver outros fatores de importância no romance, como:

- A atribuição de nomes aos personagens (o que os atribui personalidade individual e não a representação de um coletivo);
- A utilização de um contexto de tempo e local específicos,
- Um enredo que é influenciado pelo passado do personagem e não por coincidências ou ações de deuses ou destino,
- Descrições e preocupação com a vida cotidiana,
- O desenvolvimento dos personagens ao longo do tempo,
- Adaptação ao estilo de prosa para apresentar autenticidade.

Ressalta-se, por fim, que o termo “realismo” atribuído por Watt não faz referência a um movimento artístico específico, mas a um conjunto de procedimentos narrativos que são frequentemente encontrados no gênero literário romance (como os previamente mencionados), que começou a ser desenvolvido no início do século XVIII. Dentre os romances do período, os romances de Jane Austen apresentam tais características, que tornam as obras da escritora uma combinação única de romance, realismo e sátira social, contribuindo para seu legado duradouro na literatura.

O romance e Jane Austen

Quando se fala em romance inglês do século XVIII, um dos principais nomes a serem comentados não é de um homem, mas de uma mulher cuja obra serve de inspiração e entretenimento para os mais diversos públicos até os dias de hoje, Jane Austen.

Austen é inglesa, nascida em 16 de dezembro de 1775 em Hampshire. Foi a segunda mulher da casa e a mais nova de uma família de sete irmãos. Autora de romances consagrados mundialmente, como *Razão e Sensibilidade* (1811), *Orgulho e Preconceito* (1813), *Emma* (1815) e *Persuasão* (1818), ficou conhecida por suas personagens femininas que desafiavam paradigmas da época, por seus diálogos e ironias presentes nos romances.

Cresceu na zona Rural em contato direto com a igreja de forma modesta, sem muito luxo, mas recebeu instrução e foi letrada quando criança. Jane é descrita como uma pessoa observadora e racional. Nunca se casou e morreu jovem no ano de 1817. Jan Fergus, uma estudiosa de literatura inglesa do século XVIII e XIX, afirma que “Austen queria ganhar dinheiro, assim como outras mulheres que escreviam”⁹ (2012, p.44). A afirmação de que Austen queria ganhar dinheiro com sua escrita é uma suposição baseada em sua própria situação financeira e nas condições da indústria editorial na época em que ela escreveu. É possível inferir essa intenção a partir de suas cartas pessoais, nas quais ela se preocupa com a falta de dinheiro e descreve seus esforços para publicar e comercializar seus livros, como nos seguintes trechos:

Eu sou grata por todos os interesses e divertimentos que tenho na minha vida, mas eles seriam todos sem sabor e sem sentido se eu não pudesse ter certeza de que poderia pagar as contas no final do ano. (LE FAYE, 2011, p. 370).

A primeira edição de 'Mansfield Park' trouxe-me £ 320, e a venda de 'Emma' já foi muito maior, apesar de o preço ser o mesmo. Eu tenho agora uma ideia de quanto tempo leva para que £ 600 sejam ganhos e gastos. Eu também entendo que a venda de 'Mansfield Park' foi muito menor do que o esperado. (Ibid, p. 274).

Assim, é observado que a autora de *Orgulho e Preconceito*, apesar de não ser da aristocracia, dominava a leitura e escrita, e como a maioria das mulheres no seu tempo, ocupava seu “tempo ócio” lendo vários livros, mas também participava das atividades sociais esperada na época, como ir a bailes, a missa, trocar correspondências com sua irmã, estudar música, etc. Foi por meio dessa vivência, que os olhos sagazes dessa observadora captaram detalhes da vida das pessoas que a inspirou para produzir suas obras literárias. Por ser mulher, enfrentou desafios

⁹ Austen wanted to make Money.

para se lançar no mercado de escritora, e fez o seu nome conhecido como uma das maiores romancistas inglesas.

Dentre os romances de Austen, um dos mais conhecidos é *Orgulho e Preconceito*¹⁰, trabalho cuja primeira versão era intitulada "*Primeiras impressões*"¹¹. Foi escrita em 1797, mas recusado para publicação. Apesar disso, Jane Austen revisou a obra e a retrabalhou ao longo dos anos, até finalmente ser publicada sob o título "*Orgulho e Preconceito*" em 1813. Desde então, o livro se tornou uma das obras mais amadas e estudadas da literatura inglesa.

Orgulho e Preconceito

Orgulho e Preconceito, de Jane Austen, é considerado um dos romances mais famosos da literatura inglesa, devido à sua narrativa envolvente e a crítica social sutil que encantou leitores desde sua publicação original em 1813. A história é narrada em terceira pessoa, com foco em Elizabeth Bennet, a protagonista. Ela é uma jovem inteligente, perspicaz e com senso de humor, a segunda filha mais velha da família Bennet, que é admirada por sua beleza natural e graça, apesar de não ser considerada a mais bela da família. Sua personalidade forte e independente a torna a favorita do pai, que a incentiva a seguir sua própria mente.

A estrutura narrativa de *Orgulho e Preconceito* segue uma linha cronológica, com alguns desvios para fornecer informações de fundo e desenvolver os personagens. A história é dividida em três partes principais:

Na primeira parte, a autora apresenta a família Bennet e os principais personagens, bem como a sociedade em que vivem. O Baile oferecido pelo recém-chegado Senhor Bingley recebeu vários convidados que complementam a trama, como a família Lucas, por exemplo. É nessa parte que Elizabeth Bennet conhece Fitzwilliam Darcy pela primeira vez, e eles têm um encontro desagradável. Além disso, a primeira parte do livro explora as tentativas da senhora Bennet de encontrar um marido adequado para as filhas mais velhas, seus alvos são o sr. *Bingley* e o sr. *Collins*, parente da família e futuro herdeiro da propriedade.

A segunda parte do livro mostra o desenvolvimento do relacionamento entre *Elizabeth* e *Darcy*. Aqui, a autora fornece informações sobre o passado de *Darcy* e

¹⁰ *Pride and Prejudice*

¹¹ *First Impressions*

sua relação com *Wickham*, um oficial militar atraente e charmoso, com quem *Elizabeth* se envolve emocionalmente. A segunda parte também explora a forma como as irmãs *Bennet* lidam com o amor e o casamento.

Na terceira parte, o relacionamento entre *Elizabeth* e *Darcy* é testado, e a autora explora temas de orgulho e preconceito. Além disso, essa parte mostra como a família *Bennet* lida com uma série de eventos dramáticos, incluindo uma proposta inesperada e um escândalo que ameaça a reputação da família.

A narrativa segue a trajetória de *Elizabeth* e de sua família, especialmente suas quatro irmãs, para garantir a segurança financeira da família através do casamento, pois conforme foi discutido anteriormente, por serem “*gentry*” e não possuírem herdeiros do sexo masculino, a propriedade de seu pai, *Sr. Bennet*, não ficará de herança para as moças de forma a garantir seu futuro. A narrativa explora as interações sociais e culturais da Inglaterra do século XVIII, especialmente entre a classe aristocrata e a *gentry*, destacando as convenções e preconceitos que regem a vida daqueles que fazem parte desses grupos. A história é pontuada por diálogos espirituosos e bem-humorados, que acrescentam um tom leve e divertido ao romance, com personagens únicos e não idealizados, que trazem o tom de originalidade a obra.

Os personagens da Obra

São vários os personagens desenvolvidos por Austen para *Orgulho e Preconceito*. A autora atribui a cada um deles personalidade única, característica do romance, e trabalhou a ironia através das relações sociais. *Elizabeth* é a personagem principal, o romance apresenta principalmente a sua perspectiva. É uma personagem complexa que passa por uma jornada de autodescoberta ao longo do romance e se afasta do ideal da mulher. “*Lizzy*”, como é carinhosamente chamada por seu pai, é conhecida por sua capacidade de observação e julgamento aguçados, e é frequentemente retratada como uma crítica astuta da sociedade, ela vê a si mesma como alguém com personalidade racional e aparenta, em alguns momentos, se sentir no dever de proteger suas irmãs. Ela é franca e direta em suas opiniões, confronta os preconceitos e a hipocrisia de outros personagens. Ela confronta seus próprios preconceitos e aprende a julgar as pessoas com mais

equilíbrio e justiça. Aprendendo a não confiar em suas primeiras impressões e a dar às pessoas uma segunda chance.

Elizabeth é considerada uma personagem feminina pioneira na literatura inglesa do século XIX, por ser um exemplo de como uma jovem mulher pode cultivar uma mente e um caráter fortes sem abandonar as características femininas. Ela é um símbolo da luta das mulheres por independência e autoexpressão em uma sociedade dominada pelos homens.

Fitzwilliam Darcy é o personagem masculino principal de *Orgulho e Preconceito*. Ele é retratado como um homem rico e bem-educado, mas também orgulhoso e arrogante que muitas vezes o torna antipático aos olhos dos outros personagens e até dos leitores, pois para um nobre ser socialmente honrado ele deveria falar e agir como um *gentleman*. No entanto, suas ações no início da narrativa levam as pessoas a acreditar que sua beleza externa e interna está em dois patamares diferentes. Ao longo da história, é revelado que esse lado sombrio de *Darcy* é uma defesa contra as pessoas que o julgam pelo seu status e riqueza e que ele tem um coração gentil e generoso. Sua atitude em relação à *Elizabeth Bennet*, em particular, muda à medida que ele começa a admirar sua inteligência e personalidade forte. Essa mudança de pensamento dos leitores quanto a *Darcy* acontece por meio da técnica narrativa de múltiplas vozes, permitindo ao leitor ver a história através de outras perspectivas.

A personagem *Jane Bennet* é uma das que recebe esse tratamento também. Por exemplo, quando ela fica doente durante uma visita aos amigos em Londres, a narrativa se concentra em sua perspectiva e nos seus sentimentos, dando-nos uma visão mais profunda de sua personalidade e de sua relação com sua irmã *Elizabeth*. *Jane* é a mais velha das *irmãs Bennet*, e também a mais bonita. Ela apresenta todas as qualidades que se espera de uma dama naquela época, ela é muito romântica e acredita no bem das pessoas, mesmo quando elas a decepcionam. Essa ingenuidade é abordada pela crítica literária Claudia L. Johnson, em seu livro *Jane Austen: Women, Politics, and the Novel*, onde discute como a ingenuidade de *Jane* a torna vulnerável aos jogos de poder e manipulação dos outros personagens, especialmente em relação ao interesse amoroso dela. Para ela, *Jane* representa uma visão idealizada e limitada da feminilidade que muitas vezes é explorada pelos

personagens mais astutos e cínicos da história. Isso reflete a posição limitada das mulheres na sociedade da época.

As outras filhas do casal Bennet são *Mary Bennet*, *Catherine (ou Kitty) Bennet*, e *Lydia Bennet*. A terceira filha, *Mary*, é descrita como sendo menos bonita e menos sociável do que suas irmãs. Ela é retratada como uma leitora ávida e bastante pedante, sempre ansiosa para mostrar seus conhecimentos. Apesar do esforço em ser instruída, *Mary* não era muito boa naquilo que praticava. *Kitty*, é mais jovem e mais leviana do que suas irmãs mais velhas, é a quarta filha da família e é frequentemente vista em companhia de *Lydia*, a mais nova, pois compartilham do amor por bailes e flertes, contudo é menos imprudente do que *Lydia*, que é retratada como sendo a mais frívola das *Bennet*. Sua falta de modéstia frequentemente a coloca em situações embaraçosas e ao longo da história, *Lydia* é a responsável pelo escândalo que ameaça a reputação de toda a família.

O *Senhor Bennet* é o patriarca da família Bennet. Um homem gentil e afável, mas um pouco indolente ou omissos em muitos assuntos que envolviam suas filhas. É possível notar que o relacionamento que o personagem leva com sua esposa, a *senhora Bennet*, pode ser considerado tenso e desinteressante. Enquanto ele se importa com os livros e desempenha um papel sarcástico e inteligente de um homem que se diverte às custas da sociedade em que vive, é negligente em relação à sua família e não se preocupa em garantir o futuro financeiro de suas filhas. Já a *Senhora Bennet* é obcecada em casar suas filhas com um homem rico, possui um temperamento instável e fica nervosa facilmente frente a qualquer desafio (o que inclui o comportamento irônico de seu marido). É uma mulher ansiosa e preocupada com a posição social de suas filhas. Ela é muitas vezes irritante e impertinente, e suas impertinências tornam-se o motivo de afastar pretendentes para suas filhas mais velhas, *Jane* e *Elizabeth Bennet*.

Os pretendentes das meninas *Bennet* são quatro: O senhor *Fitzwilliam Darcy*, o senhor *Charles Bingley*, seu primo *William Collins*, e o *Senhor George Wickham*. Existe uma ligação entre os quatro personagens. O *Senhor Darcy* é um rico cavalheiro de propriedades em *Derbyshire*, ele é sobrinho da *Lady Catherine de Bourgh*, uma nobre da alta sociedade inglesa do século XIX que é a patrona do *Sr. Collins* e tem uma relação de autoridade sobre ele. Na verdade, é ela quem o emprega como clérigo em sua propriedade. O *Sr. Collins*, já foi mencionado

anteriormente, é o herdeiro da propriedade atual da família *Bennet*, um clérigo descrito como um homem pretensioso, que busca agradar as pessoas em posição de poder e subir na escala social. Ele acaba se casando com a amiga íntima de *Elizabeth*, *Charlotte Lucas*, e torna-se o reverendo da paróquia de *Hunsford*, próximo à propriedade de *Lady Catherine*.

O Sr. *Darcy* é também amigo próximo do Sr. *Bingley*. *Bingley* é um jovem rico e gentil que aluga uma propriedade chamada *Netherfield* perto da casa dos *Bennet*. *Darcy* e *Bingley* têm uma relação próxima, apesar das diferenças em suas personalidades. *Bingley*, em particular, é muito influenciado pela opinião de *Darcy* e confia em sua orientação em assuntos importantes, como em seguir ou não adiante com a intenção de casamento com a Senhorita *Jane Bennet*.

Há também a relação entre o *Senhor Wickham* e o *Senhor Darcy*. *Wickham* é um oficial militar que tem uma história complicada de conflito e tensão com *Mr. Darcy*, que é visto como charmoso e amigável, mas esconde um lado sombrio e descontrolado, se envolvendo com apostas, dívidas, e não honrando com seus compromissos – sejam esses financeiros ou sentimentais.

Há ainda outros personagens que preenchem papéis importantes na obra de Austen, contudo o enredo principal é baseado nos mencionados acima. Durante a leitura, a narrativa múltipla nos permite analisar a focalização interna de cada um deles, trazendo uma análise minuciosa da sociedade na qual Austen viveu. Assim, a escrita de Jane Austen, apesar de ficção, é um retrato bem-feito da alta sociedade da época, que sobrevivia a base de aparências.

A escrita de Jane Austen

No documentário *The Flirtatious Regency Balls Of Pride & Prejudice: Having A Ball - Real Royalty*, a professora de história Amanda Vickery afirma que: "Jane Austen está escrevendo para uma sociedade que sabe exatamente o que ela está falando. E ela está escrevendo para uma sociedade que, muitas vezes, valoriza a sutileza sobre a clareza, uma sociedade que é muito educada, em que as pessoas não querem ofender os outros. Essa sutileza e essa polidez podem, às vezes, parecer indecifráveis para os leitores modernos." (VICKERY, 2019). Amanda Vickery é uma historiadora britânica e professora da Universidade Rainha Mary de Londres,

especializada em história social e cultural da Inglaterra do século XVIII. Ela é uma autoridade reconhecida em Jane Austen e já publicou vários livros e artigos sobre a escritora e sua obra. Essa fala descreve o motivo da popularidade das obras de Austen entre os leitores, tanto como as críticas que ela recebia por isso.

Austen era frequentemente apontada como “escritora inconsciente”. Seus livros foram usados como referência para historiadores que buscavam comprovar que a guerra não havia afetado a classe média-alta britânica, pois pouco espaço se dá há tais relatos em seus livros, mas Austen possivelmente temia expor sua opinião sobre assuntos polêmicos, ela não gostaria de ser mandada a exílio como outras autoras da época por expô-los. Essa teoria está associada ao fato de Jane Austen ter essa tendência a não se comprometer com seus leitores. Isso era tão valorizado por ela que sua irmã Cassandra chegou a retirar partes, queimar e esconder algumas das cartas trocadas com a irmã. Mas por que considerar os livros de Austen como uma amostra da realidade da época? Embora haja pouca informação sobre as opiniões da autora, as correspondências que ela manteve com sua irmã e outros conhecidos indicam que Jane não parecia viver uma realidade diferente daquela exposta em seus livros.

Bailes, flertes, dotes, notícias e correspondências faziam parte da relação de amizade e companheirismo entre Jane e Cassandra Austen, semelhante à das personagens irmãs Jane e Elizabeth. Como disse Kathryn Sutherland (2012), "Na ausência de diários, que foram destruídos ou nunca existiram, as cartas são as únicas existências que temos de uma Jane Austen falando, escrevendo e sua própria voz, não mediada pela forma fictícia".

É exatamente o fato de que a escrita de Jane Austen condiz fielmente com sua realidade que nos leva a acreditar que valores de igualdade entre homens e mulheres eram algo que ela defendia. O quebra-cabeça das letras nos estimula a articular exatamente o que torna a ficção de Jane Austen tão especial. Como disse Sutherland, "As cartas são os dados brutos da vida, e as banalidades não transformadas que, magicamente transmutadas, tornam-se as preciosas trivialidades dos romances". (SUTHERLAND, 2012)

De acordo com a crítica literária Claudia L. Johnson, que escreveu o livro *Jane Austen: Women, Politics, and the Novel*, os críticos geralmente elogiam a escrita de Jane Austen por sua precisão, sutileza e humor. Eles admiram sua

habilidade em retratar as complexidades da vida social e das relações humanas, especialmente as tensões entre classes sociais e as restrições enfrentadas pelas mulheres na época. A escrita de Austen também é elogiada por sua capacidade de revelar a psicologia dos personagens e suas motivações internas. Alguns críticos, no entanto, criticam sua aparente limitação de temas e ambientes, focando principalmente nas questões da alta burguesia rural inglesa.

Capítulo III: Crítica Literária

Temas em Jane Austen

Alguns dos principais temas abordados nas obras de Jane Austen giram em torno da vida das mulheres na Inglaterra do final do século XVIII e início do século XIX. Ela retrata as dificuldades que as mulheres enfrentavam na época, como a falta de oportunidades educacionais, a dependência financeira dos homens e a pressão social para se casarem bem. Austen explora dentro desse último tema, as diferentes motivações e perspectivas em torno do casamento, que incluem a busca por amor verdadeiro versus a necessidade de segurança financeira.

Além disso, as obras de Austen também exploram questões como o papel do dinheiro e da classe social na sociedade, as expectativas sociais e familiares, a busca por amor e felicidade, o papel do casamento e da família. A obra retrata as tensões entre as diferentes classes sociais ao incluir a luta das personagens por ascensão social e as limitações impostas por sua posição na hierarquia social, explorando as consequências do preconceito e da intolerância, especialmente no que se refere à classe social e à aparência física.

Outros temas também são bem explorados pela autora, como valores e virtudes, incluindo a importância da honestidade, da lealdade e da integridade moral. Jane Austen apresenta personagens que enfrentam dilemas éticos e morais, e que precisam decidir entre fazer o que é certo e seguir seus próprios interesses, como também discute valores feministas mesmo antes do surgimento do movimento feminista. Jane Austen escreveu sobre questões de gênero em suas obras. Em *Orgulho e Preconceito*, a autora apresenta personagens femininas fortes e independentes, que questionam as normas sociais e buscam a realização pessoal. São tramas envolventes e personagens complexos, que refletem os desafios e conflitos enfrentados pelas mulheres na época.

Jane Austen e o feminismo

Existem várias correntes teóricas que interpretam o trabalho de Jane Austen a partir de uma perspectiva feminista. Essas correntes argumentam que Austen foi

uma escritora que, mesmo sem usar o termo "feminista" em seus escritos, apresentou uma visão crítica da sociedade patriarcal em que viveu e criou personagens femininas que desafiaram as expectativas de gênero de sua época. Dentre as estudiosas que pesquisam essa temática está Elaine Showalter (1977), que analisa a literatura feminina britânica do século XIX, incluindo as obras de Jane Austen. No capítulo dedicado a Jane Austen, Showalter argumenta que as obras da autora são muito mais do que simples histórias de amor e casamentos, e que elas representam uma crítica sutil à posição das mulheres na sociedade inglesa na época. Ela observa que Austen frequentemente apresenta personagens femininas que são inteligentes, independentes e capazes, e que frequentemente enfrentam barreiras sociais e econômicas em suas tentativas de realizar seus desejos e aspirações. Fergus (2012) também tem sua opinião sobre o assunto, ao escrever sobre a audiência da autora ela afirma que era predominantemente feminina para a ficção na época:

Minha própria pesquisa sobre a audiência providencial do século XVIII para a ficção revelou que os homens eram os principais clientes e preferiam romances escritos por homens. Essas preferências preveem que o aumento no número de romances escritos por mulheres a partir dos anos 1790, que os bibliógrafos revelaram, acompanhou um aumento na liderança feminina, assim como uma redução nos romances escritos por homens seria associada a menos leitores do sexo masculino (FERGUS, 2012)

Este comentário que exemplifica o cenário europeu no consumo de livros já comentado posteriormente, que impacta diretamente no trabalho de Austen e de tantas outras escritoras que vieram antes e posteriormente a ela, ao dar voz às mulheres e a personagens do sexo feminino.

A autora de *Razão e Sensibilidade* viveu cerca de duas décadas após a morte de Wollstonecraft, entretanto, é possível fazer algumas conexões entre as ideias de Wollstonecraft e o trabalho de Austen. Wollstonecraft defendia a educação das mulheres e acreditava que elas deveriam ter acesso às mesmas oportunidades que os homens. Ela argumentava que as mulheres não eram naturalmente inferiores aos homens, mas que a falta de educação e oportunidades limitavam seu potencial. O trabalho de Austen, especialmente *Orgulho e Preconceito*, pode ser visto como um exemplo de como a educação e a independência financeira podem levar a uma maior realização pessoal e felicidade. Além disso, tanto Wollstonecraft quanto Austen eram críticas da sociedade patriarcal de sua época. Wollstonecraft argumentava que a opressão das mulheres era uma consequência do desequilíbrio

de poder entre os sexos na sociedade, enquanto Austen explorava as dinâmicas de poder entre homens e mulheres em seus romances.

Outras escritoras que são posteriores a autora de *Orgulho e Preconceito* também abordam a temática na obra de Austen, entre elas está Deborah Kaplan (1981) que discute a posição das mulheres na sociedade inglesa durante o tempo de Jane Austen e como a autora desafiou as normas sociais em suas obras. Austen frequentemente apresentava personagens femininas inteligentes e independentes que enfrentavam barreiras sociais e econômicas em suas tentativas de realizar seus desejos e aspirações. Kaplan argumenta que Austen colocou mulheres em posições de poder e autonomia, valorizando o espaço privado, as relações familiares e a amizade feminina como forma de empoderamento.

Há também análises de como as obras de Austen foram recebidas e interpretadas por diferentes grupos ao longo do tempo. Claudia L. Johnson (2012), argumenta que Austen se tornou um ícone cultural por sua habilidade em retratar a vida cotidiana da classe média inglesa e criar personagens femininas complexas e independentes. Johnson destaca que a popularidade de Austen levou a uma variedade de interpretações, incluindo aquelas que se concentram em temas feministas. No entanto, ela observa que alguns críticos criticaram as obras de Austen por não serem políticas ou por reforçarem papéis de gênero tradicionais. No geral, a interpretação feminista da obra de Austen é uma conversa complexa que continua evoluindo à medida que novas perspectivas e teorias surgem.

Na obra, como um exemplo de individualismo feminino em uma época em que se esperava que as mulheres priorizassem o bem-estar da família e agradassem aos homens como potenciais maridos. As características de Elizabeth Bennet, de não se submeter às expectativas sociais, é o que torna sua personalidade tão intrigante e, de certa forma, revolucionária para a época em que a obra foi escrita. Pode-se dizer ainda, que apesar de serem apresentadas como duas personagens que a princípio tinham muito em comum, a atitude de Charlotte Lucas de se casar com o Sr. Collins é vista como uma escolha pragmática e racional, mas que se diverge ao posicionamento da temática abordada ao ilustrar a limitação de opções para as mulheres na sociedade patriarcal da época. A diferença entre as escolhas de Elizabeth e Charlotte refletem a complexidade das questões enfrentadas pelas

mulheres na época de Jane Austen e mostra como as personagens femininas na literatura podem ser usadas para refletir sobre a sociedade em que vivem.

Análise da obra^[MA1]

No capítulo I, abordamos os contextos social e histórico da Inglaterra no século XVIII. Muitos desses traços podem ser observados em *Orgulho e Preconceito*. Austen demonstra uma habilidade característica pessoal de ser uma observadora minuciosa ao escrever sobre a alta sociedade da época, e a protagonista, Elizabeth, também compartilha dessa habilidade única ao longo da obra.

Assim, pode-se afirmar que a sociedade é o tema central do romance. Desde o início do livro, Austen expõe a forma como a sociedade encara o casamento como um negócio, enfatizando a importância da fortuna e da aparência para as relações sociais retratadas na novela.

É uma verdade universalmente conhecida que um homem solteiro, possuidor de boa fortuna, deve estar necessitado de uma esposa. Por menos conhecidos que sejam os sentimentos ou as opiniões de tal homem ao se fixar na nova localidade, essa verdade se encontra de tal modo impressa na mente das famílias vizinhas, que o rapaz é desde logo considerado propriedade legítima de alguma de suas filhas" (Ibid, capítulo 1)

Essa citação ressalta a ascensão social e a importância da posse de terras para assegurar o status entre os grandes proprietários daquele período, pois, não sendo o recém-chegado "possuidor de boa fortuna", será que ele receberia o privilégio de ser considerado pelas famílias vizinha a ele "propriedade legítima de alguma de suas filhas"?

Questões como essa são levantadas durante toda a leitura pelos leitores mais sagaz. É possível observar mais adiante na obra, no capítulo V, a forma de ascensão da família Lucas até a chegada à residência onde vivem:

O senhor Lucas [...] acumulara uma fortuna razoável e, enquanto exercia a função de prefeito, fora agraciado com o título de cavaleiro durante uma audiência com o rei. [...] mudou-se com a família para uma casa situada a pouco mais de um quilômetro de Meryton, onde ele podia deliciar-se com a própria importância e ficar livre dos negócios. (Ibid, capítulo 5)

Essa ascensão social e o surgimento dos novos "*gentry*" era possível na época, mas facilmente essas famílias poderiam perder tudo o que tinham, logo, se esforçavam para não perder sua propriedade e status na sociedade.

Outro fator que foi abordado anteriormente e está muito presente em *Orgulho e Preconceito* é o cavalheirismo. Nem todo nobre é considerado um cavaleiro (*gentleman*), e além da posse de terras e fortuna, o comportamento perante a sociedade era levado em conta para ser reconhecido na sociedade, como abordado por Nicholson (2010). Isso pode ser ilustrado com o comportamento de Mr. Darcy no primeiro baile, que acabou por afetar sua popularidade entre a população local.

Ele foi observado com grande admiração durante metade do baile, até que sua atitude acabou provocando um desapontamento que virou sua maré de popularidade. (Nicholson, 2010)

Elizabeth utiliza do mesmo argumento sobre ser considerado um cavaleiro ao ser confrontada por Lady Catherine no capítulo 56. Ela defende seu status ao afirmar: "Ele é um cavalheiro; sou filha de um cavalheiro; até aqui somos iguais". Essa resposta enfatiza ainda mais a importância das aparências e comportamentos adequados para ser considerado nobre na sociedade retratada na obra de Austen, e ressalta a genialidade da personagem principal ao usar esse como contra-argumento.

A leitura na obra

A escrita de Jane Austen exemplifica diversas mudanças sociais e literárias do século XVIII. Nessa época, as transformações na sociedade frequentemente exigiam que os proprietários de terras se envolvessem em negócios e atividades comerciais. Londres, a capital em ascensão, era uma das cidades que mais favorecia o crescimento do comércio, incluindo o comércio literário.

Um exemplo disso é evidenciado quando o Sr. Bingley é obrigado a partir para Londres no dia seguinte, e a senhora Bennet não consegue imaginar o negócio que o teria atraído para a cidade.

O sr. Bingley se via obrigado a partir para Londres no dia seguinte[...] A senhora Bennet não podia imaginar o negócio que o teria atraído para a cidade. (Capítulo 3)

Esse trecho indica a mudança na sociedade, onde possuir apenas terras já não era suficiente para manter um alto status social.

Essa transformação do cenário literário e a expansão da leitura na sociedade foram impulsionadas pelo comércio em Londres. Novas formas de acesso

aos livros foram abertas, tornando-os mais acessíveis, mesmo que anteriormente fossem considerados artigos de luxo e caros. O hábito de leitura se espalhou entre a população, incluindo as mulheres.

Um exemplo disso é quando o Sr. Hurst olha perplexo para Elizabeth que prefere ler a jogar cartas: “Prefere ler a jogar cartas?’ Perguntou ele – ‘é bastante singular’.” (Capítulo 7). Isso realça a forma como a literatura estava se tornando mais acessível e a leitura se popularizando, especialmente entre o público feminino. Apesar disso, muitos homens também possuíam o hábito de ler, era muito valorizado entre os nobres, mas havia diferenças claras nas preferências de leitura entre homens e mulheres, sendo que os romances eram mais populares entre as mulheres, enquanto outros gêneros eram mais apreciados pelos homens. O romance, inclusive, era menosprezado pela sociedade, pois era mais associado ao público feminino.

Outro exemplo disso é no capítulo 14, quando o Sr. Collins recusa ler romances, preferindo os Sermões de Fordyce:

O Sr. Collins consentiu prontamente e recebeu um livro; mas ao bater os olhos no exemplar, ele se recusou e, desculpando-se, declarou que nunca lia romances. Kitty olhou-o fixamente, e Lydia soltou uma exclamação de espanto. Outros livros foram trazidos e, após alguma ponderação, escolheu os Sermões, de Fordyce. Lydia bocejou quando ele abriu o volume.

Pode-se considerar ainda que o sr. Collins chega a demonstrar repúdio as novas formas de acesso a literatura (como as bibliotecas circulantes). Essas bibliotecas eram mais baratas e ajudaram na expansão da leitura dos romances no país. A taxa cobrada para manutenção era menor do que o valor de um livro próprio para sua estante, e para aqueles que não possuíam uma biblioteca tão vasta quanto a da residência em *Pemberley*, as bibliotecas eram uma ótima opção. É possível ainda observar a mesma ideia de que o conteúdo dos livros consumidos por homens e mulheres é reafirmado por Elizabeth quando Darcy tenta conversar sobre livros com ela:

Gostaria de falar sobre livros? - perguntou ele, sorrindo. Livros? Oh, não! Estou certa de que não lemos os mesmos, ou pelo menos não com os mesmos sentimentos. (Capítulo 11)

Essas passagens refletem a diferença de leitura valorizada por homens e mulheres na sociedade da época, influenciada pelas normas sociais e expectativas de gênero.

Educação das mulheres

Alguns aspectos importantes relacionados ao papel e à educação das mulheres na sociedade do século XVIII, esta presente em muitos momentos da obra de Austen. É importante relacionar a educação ao conceito de “tempo ócio” discutido anteriormente.

O senhor Bennet era um misto tão curioso de perspicácia, humor sarcástico, reserva e capricho [...]O espírito dela¹² ela menos difícil de compreender[...] O propósito de sua vida era casar as filhas. Seu consolo, fazer visitas e saber das novidades. (Capítulo 1)

Esse trecho destaca a visão do sr. Bennet sobre a vida de sua esposa e filhas. Ele é descrito como um homem perspicaz, sarcástico e reservado, enquanto sua esposa se dedica principalmente a casar as filhas, fazer visitas sociais e saber das novidades (Capítulo I). Essa visão reflete a realidade de muitas mulheres da época, cujas principais aspirações eram conseguir um bom casamento e serem bem-vistas pela sociedade. A educação formal das mulheres muitas vezes era limitada, e suas atividades diárias se concentravam nas responsabilidades domésticas e no cuidado com a família.

Há, entretanto, uma diferença entre a educação de mulheres nobres e a educação das mulheres de uma forma geral, elas tinham mais acesso a instrução formal e poderiam especializar suas habilidades a fim de se tornarem mais atraentes para seus pretendentes.

Elizabeth se sentia pouco disposta a aceitar aquelas pessoas [...] eram bastante bonitas e tinham sido educadas em um dos principais internatos de Londres.

Essa atitude de Elizabeth em relação à Senhorita Bingley ressalta como a educação para as mulheres, apesar de restrita, era mais facilmente acessada pela nobreza do que pela classe *gentry*. Isso enfatiza a diferença de oportunidades educacionais entre classes sociais. Apesar de não receber uma educação formal como a Srta. Bingley, as meninas Bennet tiveram acesso a tutores que as treinaram para ser inseridas na sociedade, um exemplo disso é a habilidade musical de Elizabeth no piano, que apesar de bom, não era excepcional, mas agradável.

Por outro lado, Mary Bennet, que não era considerada fisicamente atraente, dedicava-se aos estudos e à leitura para compensar essa falta de atrativos físicos:

¹² Senhora Bennet

Elizabeth foi avidamente substituída pela irmã, Mary, que, sendo a única da família sem atrativos físicos, esforçava-se muito para adquirir erudição e estava sempre ansiosa para exibi-la.

Isso ressalta a pressão social sobre as mulheres para serem educadas em assuntos considerados adequados para o "lar" e para adquirirem habilidades que as tornassem atraentes como futuras esposas, o que era uma prioridade na sociedade do século XVIII.

Nesse sentido, também é discutido as características de uma "mulher completa". Darcy menciona que uma mulher precisa ter uma vasta gama de habilidades, incluindo música, canto, desenho, dança e fluência em línguas modernas, além de desenvolvimento intelectual pela leitura intensa. Ele enfatiza que poucas mulheres atendem a esses critérios:

Oh! Certamente - exclamou sua fiel aliada - mulher pode ser realmente considerada completa se não se ele Nenhuma var muito acima da média. Uma dama deve possuir um vasto conhecimento de música, canto, desenho, dança e das línguas modernas para merecer esse epíteto; além disso, é preciso que tenha algo em sua maneira de andar, no tom de voz e no modo de exprimir-se, ou só o merecerá pela metade.

- Sim, deve possuir tudo isso - concordou Darcy. E acrescentar ainda alguma coisa mais substancial: o desenvolvimento do espírito pela leitura intensa. - Já não me espanta que o senhor conheça apenas seis mulheres prendadas. Imagino se realmente conhece alguma. - Julga com tanta severidade o seu sexo, que duvida da possibilidade de tudo isso?

- Eu nunca vi uma mulher assim. Eu nunca vi tanta habilidade, gosto, dedicação e elegância reunidos em uma só pessoa.

Essa conversa ilustra como as expectativas sociais para as mulheres eram elevadas, exigindo que elas fossem habilidosas em diversas áreas para serem consideradas valorizadas e atraentes no casamento. Curiosamente, esse mesmo trecho exemplifica a característica mais realista do romance ao não idealizar a mulher, e assumir que uma mulher com tantos atributos nada mais é que uma idealização.

Todas as moças são prendadas! Meu caro Charles, que quer dizer com isso?

Sim, todas elas, acredito. Todas pintam mesas, decoram biombos e fazem bolsas de tricô. Não conheço uma que não saiba fazer todas essas coisas. E nunca ouvi mencionar o nome de uma moça pela primeira vez sem que me informassem que era muito prendada.

Sua lista dos talentos comuns disse Darcy - é verdadeira demais. O adjetivo é aplicado a muitas moças somente porque sabem tricotar uma bolsa ou decorar um biombo. Mas estou longe de concordar com você sobre as

jovens em geral. Entre todos os meus conhecidos, não posso me gabar de conhecer mais de meia dúzia de moças realmente prendadas.

Por fim, há uma conversa sobre a falta de uma governanta na casa dos Bennet. A governanta era uma figura importante na educação das mulheres, pois ela ensinava habilidades como música, etiqueta, bordado e outras aptidões consideradas adequadas para as mulheres da época. Entre as famílias mais pobres, quem assumia o papel era a própria mãe.

Nunca tiveram governanta! Como é possível? Educar cinco filhas sem uma governanta! Nunca ouvi uma coisa dessas! Sua mãe deve ter ficado escravizada à educação de vocês! [...]Sem uma governanta, ela deve ter sido negligenciada.

Em comparação a certas famílias, acredito que sim; mas, entre nós, às que quiseram aprender nunca faltaram meios. Sempre nos encorajaram a ler, e tivemos todos os professores necessários. Mas às que escolheram ficar ociosas, certamente foi feita a vontade.

As irmãs Bennet aprenderam com professores, mas sem uma governanta formal, algumas delas escolheram se dedicar a estudos mais aprofundados, enquanto outras se entregaram à ociosidade, como mencionado na conversa. Isso destaca como a educação das mulheres da classe *gentry* era influenciada pela disponibilidade de recursos e pela escolha individual dentro das possibilidades oferecidas pela família.

Direitos

No capítulo I, discutimos brevemente o status social e legal das mulheres na Inglaterra do século XVIII, especialmente em relação aos seus direitos limitados e à herança de propriedades. No capítulo 13 de *Orgulho e Preconceito*, o Sr. Bennet aborda esse assunto ao comentar com sua esposa suas opiniões sobre o assunto:

Recebi uma carta há um mês e respondi quinze dias depois, pois julguei que era um caso delicado que exigia atenção imediata. É de meu primo, o Sr. Collins, que, quando eu morrer, poderá expulsá-las desta casa, assim que desejar.

"Meu caro!", exclamou a Sra. Bennet, "não suporto ouvir isso. Por favor, não fale nesse homem odioso! Acho que é a coisa mais injusta deste mundo sua propriedade ser arrebatada de suas próprias filhas [...]."

Essa situação destaca a posição vulnerável das mulheres em relação à herança de propriedades e ao seu status social. A carta menciona o Sr. Collins, que, como parente masculino, tem o poder legal de expulsar as personagens femininas

de sua casa após a morte do atual proprietário. Isso é reforçado pelas normas da "common law of coverture", já mencionada anteriormente, que subordinava legalmente as mulheres aos seus maridos na sociedade da época. Para os grandes proprietários de terras, conhecidos como *gentry*, era fundamental manter a propriedade na família, e como as mulheres herdariam o sobrenome de seus futuros maridos, a herança poderia se tornar uma questão delicada para a posição social.

No entanto, é importante mencionar que, apesar de alguns direitos de propriedade atribuídos às mulheres, eles eram limitados. No capítulo 29, *Lady Catherine* observa:

A propriedade de seu pai será herdada pelo Sr. Collins, acredito. Alegro-me por sua causa - continuou ela, virando-se para Charlotte -, mas não vejo necessidade de privar a descendência feminina do direito de herdar propriedades.

Assim, *Lady Catherine* reconhece que o Sr. Collins está prestes a herdar a propriedade da família, mas questiona a necessidade de privar as mulheres do direito de herdar propriedades. Essa perspectiva é ousada para a época, já que muitas pessoas acreditavam que as mulheres deveriam ser legalmente subordinadas aos homens e ter acesso limitado à propriedade e aos direitos legais.

Foram pensamentos como esse que levaram a uma reforma gradual dessas leis e costumes ao longo dos séculos seguintes, graças aos esforços das mulheres que lutaram pela igualdade de gênero e pelos direitos. Essa voz as personagens femininas, é uma característica nova proveniente dos romances, que permitiu que os personagens tivessem nome, personalidade e ambições próprias.

Questões feministas no romance de Austen

Existem algumas características feministas presentes na personagem de Elizabeth Bennet em *Orgulho e Preconceito*. Por exemplo, a atitude de Elizabeth de decidir ir visitar sua irmã doente em *Netherfield*, mesmo quando a carruagem não estava disponível e ela não sabia montar a cavalo, é um exemplo de sua independência e determinação.

[...] embora a carruagem não pudesse ser usada; mas, como não sabia montar, a única alternativa era ir a pé, ela declarou sua decisão.

Ela não se deixa ser limitada pelas expectativas da sociedade em relação ao comportamento das mulheres, que na época eram esperadas a serem sempre acompanhadas e protegidas por homens. Elizabeth mostra que é capaz de tomar suas próprias decisões e seguir seus próprios desejos, mesmo que isso seja considerado irracional ou incomum pelas pessoas ao seu redor.

No capítulo 19, quando ela recusa o pedido de casamento do Sr. Collins de forma firme e decidida, ela demonstra sua autoconfiança e recusa em se submeter a um casamento sem amor e felicidade apenas para cumprir com as convenções sociais.

Dou-lhe minha palavra de honra, senhor, que sua esperança é extraordinária depois de minha recusa. Asseguro-lhe que não sou uma dessas moças, se é existem, que cometem a ousadia de arriscar a própria felicidade confiando na possibilidade de um segundo pedido. Minha recusa é absolutamente séria. O senhor não poderia me fazer feliz, e estou convencida de que sou a última mulher do mundo capaz de fazer o senhor feliz. Além do mais, caso sua amiga Lady Catherine viesse a me conhecer, estou certa de que me acharia, sob todos os aspectos, mal qualificada para essa situação.

Ela não teme o julgamento da sociedade ou a possibilidade de não receber outra proposta no futuro, mostrando que está disposta a escolher sua própria felicidade e não ser pressionada a aceitar um casamento indesejado.

Essa informação, entretanto, alarmou a Sra. Bennet, ela ficaria igualmente satisfeita se pudesse fingir que a filha pretendia encorajá-lo ao recusar a proposta, mas não ousava acreditar naquilo. Assim, não pode evitar dizer.

'Mas pode ficar certo, Sr. Collins acrescentou ela -, de que Lizzy será chamada à razão. Falarei com ela pessoalmente. É uma menina tola e teimosa e não entende o que é melhor para ela. Mas eu a farei entender.'

A reação de sua mãe, a Sra. Bennet, à recusa de Elizabeth em aceitar o pedido de casamento do Sr. Collins também ressalta a resistência de Elizabeth às pressões sociais e a sua recusa em ser forçada a tomar decisões que não estão de acordo com seus desejos e interesses. A mãe tenta convencê-la de que ela está errada em recusar a proposta, mas Elizabeth permanece firme em sua decisão e não permite que a opinião de sua mãe a influencie.

Essas atitudes de Elizabeth evidenciam uma abordagem mais independente e empoderada das mulheres, que é considerada feminista, na medida em que ela desafia as normas e expectativas sociais da época e busca sua própria autonomia e felicidade, mesmo que isso signifique ir contra as convenções estabelecidas pela

sociedade. Elizabeth representa uma mulher que se recusa a ser limitada ou definida por seu gênero, buscando sua própria voz e agindo de acordo com seus próprios valores e princípios. Essa representação da personagem de Elizabeth Bennet é considerada uma das características feministas da obra *Orgulho e Preconceito*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante destacar o conhecimento histórico e social da realidade retratada no romance *Orgulho e Preconceito* para uma compreensão mais profunda das mensagens transmitidas pelo autor. Conforme mencionado, a maioria dos leitores do século XVIII eram mulheres, que, em meio ao ócio, afastamento do Estado e da Igreja, e os impactos da industrialização, começaram a questionar-se publicamente dentro dos limites impostos sobre seus direitos e comportamentos. Jane Austen não era alheia ao seu tempo, ao contrário, a autora demonstrou aguda perspicácia ao retratar os comportamentos da classe à qual pertencia, conseguindo criticá-los de maneira sutil, contínua e irônica, atraindo uma ampla gama de leitores.

Acreditamos que Austen tinha consciência de que outras leitoras assíduas poderiam compreender seu pensamento. Embora a publicação de suas obras não tenha sido uma tentativa direta de influenciar as mulheres a questionar seus direitos (pois não existem provas concretas disso), a autora compartilhava ideias que poderia ter discutido com sua irmã ou ouvido em conversas, nas quais concordava. A narrativa de Austen reflete os pensamentos predominantes na sociedade da época, possivelmente influenciados por outras escritoras, como Mary Wollstonecraft. No entanto, sua obra, sem dúvida, pode ter incentivado jovens mais receosas a compreender e questionar as tradições patriarcais, uma vez que sua escrita acessível poderia alcançar um público com maior dificuldade de interpretação de literaturas mais elitizadas.

Em suma, o conhecimento dos contextos históricos e sociais enriquece a apreciação das obras literárias, permitindo uma leitura mais profunda e sensível das mensagens que os autores pretendiam transmitir. Jane Austen, com sua escrita perspicaz e reflexiva, tornou-se uma voz significativa na discussão das questões de gênero e do papel das mulheres na sociedade de sua época, bem como sua influência perdura até os dias atuais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS [MA2]

AMARAL, Mariana. **Orgulho & Preconceito: um estudo da mulher na sociedade da Inglaterra provinciana do século XVIII**. 2015. Monografia (Licenciatura em História) - Departamento de História, Centro de Ciências Humanas, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2015.

ASCHKENES, Deborah. **Historical Context for Pride and Prejudice by Jane Austen**. In: Site da Universidade de Columbia de Nova Iorque. Disponível em <<https://www.college.columbia.edu/core/node/1765>>. Acesso em 19 de julho de 2023.

AUSTEN, Jane. **Cartas de Jane Austen**. Edição de Deirdre Le Faye. Tradução de Ivone Benedetti. São Paulo: Editora Nova Fronteira, 2013.

AUSTEN, Jane. **Orgulho e preconceito**. Tradução de Lúcio Cardoso. São Paulo: Editora Abril, [s.d.].

BBC Bitesize. **Daily life in Elizabethan England**. Disponível em <<https://www.bbc.co.uk/bitesize/guides/z3tdhv4/revision/1>>. Acesso em 19 de Julho de 2023.

BORDWELL, David; THOMPSON, Kristin. **Film Art: An Introduction**. 10th ed. New York: McGraw-Hill Education, 2012.

COLLEY, Linda. **Politics of the 18th century**. New York: Cambridge University Press, 1994.

DARNTON, Robert. **The Case for Books: Past, Present, and Future**. New York: PublicAffairs, 2009.

DARNTON, Robert C. **The Forbidden Bestsellers of Prerevolutionary France**. In: *Bulletin of the American Academy of Arts and Sciences* 43, no. 1 (1989): 17–45. <https://doi.org/10.2307/3824903>.

DIAS, Nara Luiza do Amaral. **A Razão em Jane Austen: Classe, gênero e Casamento em Pride and Prejudice**. 2015. 160 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8147/tde-11042016-122754/>. Acesso em: 05 maio 2023.

ENIM IPSAM VOLUPTATEM QUIA VOLUPTAS SIT ASPERNATUR AUT FUGIT. LusciniaView. 10 out. 2016. Disponível em: <http://lusciniaView.com/2016/10/10/enim-ipsam-voluptatem-quia-voluptas-sit-aspernatur-aut-fugit/>. Acesso em: 05 maio 2023.

Finn, Margot. **"Women, Consumption and Coverture in England, c. 1760-1860."** *The Historical Journal*, v. 39, n. 3, 1996, p. 703-722. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2639966>. Acesso em: 01 de Junho de 2023.

GENETTE, Gérard. **Narrative Discourse: An Essay in Method**. Ithaca, NY: Cornell University Press, 1980.

GOTTFRIED, Johann L. Vorwort. In: Austen, Jane. *Stolz und Vorurteil*. Zürich: Manesse Verlag, 2001. p. VII-XII.

GRAY, Donald J. "**Jane Austen and the Abuse of Time**." *The Sewanee Review*, vol. 72, no. 4, 1964, pp. 568-589.

HOUSTON, Robert Allan. **British Society in the Eighteenth Century**. In: *Journal of British Studies* 25, no. 4 (1986): 436–66. <http://www.jstor.org/stable/175564>.

HUBBARD, Eleanor. **A Room of Their Own: Young Women, Courtship, and the Night in Early Modern England**. In: *The Youth of Early Modern Women*, edited by Elizabeth S. Cohen and Margaret Reeves, 297–314. Amsterdam University Press, 2018. <https://doi.org/10.2307/j.ctv8pzd5z.17>.

JOHNSON, Claudia L.; TUIT, Clara, eds. **A companion to Jane Austen**. Chichester: Wiley-Blackwell, 2012.

JOHNSON, Claudia L. **Jane Austen's Cults and Cultures**. Chicago: University of Chicago Press, 2003.

JOHNSON, Claudia L. **Jane Austen: Women, Politics, and the Novel**. Chicago: University of Chicago Press, 1988.

KAPLAN, Deborah. **Jane Austen Among Women**. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1981.

L'AMINOT, Tanguy. **La critique féministe**. In: CLARK, Lorraine & GUY, Lafrance (editors). *Rousseau and criticism/Rousseau et la critique*. Pensée Libre, n. 5. Ottawa: 1995.

LANSER, Susan Sniader. **Fictions of Authority: Women Writers and Narrative Voice**. Ithaca, NY: Cornell University Press, 1992.

LASLETT, Peter; WALL, Richard. **The Population History of England, 1541-1871: A Reconstruction**. Cambridge: Cambridge University Press, 1981.

MADAME LATOURNELLE AND THE ABBEY SCHOOL. Jane Austen Centre. Disponível em: <https://janeausten.co.uk/blogs/jane-austen-life/madame-latournelle-and-the-abbey-school>. Acesso em: 05 maio 2023.

MARX, Karl. **O Capital**. Livro I. São Paulo: Boitempo, 2013.

MEANEY, Gerardine; O'DOWD, Mary; WHELAN, Bernadette. **Educating Women, Patriotism and Public Life, 1770–1845**. In: *Reading the Irish Woman: Studies in Cultural Encounters and Exchange, 1714–1960*, 54–84. Liverpool University Press, 2013. <https://doi.org/10.2307/j.ctt5vjjn3.7>.

MECÂNICA INDUSTRIAL. **História da prensa de impressão industrial**. Disponível em: <https://www.mecanicaindustrial.com.br/187-historia-da-prensa-de-impressao-industrial/>. Acesso em: 18 de julho de 2023.

NICOLSON, Adam. **The Gentry: Stories of the English**. 1. ed. London: Harper Press, 2010.

PAIVA, Wilson Alves de. **A questão da mulher em Rousseau e as críticas de Mary Wollstonecraft**. *Ethic@* - Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, v. 18, n. 3, p. 357-380, dez. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ethic/article/download/1677-2954.2019v18n3p357/42719/252275>. Acesso em: 18 de Julho de 2023.

PAVEL, Thomas G. G.; GAGLIARDI, Giuseppe. **The lives of the novel: a history**. Princeton: Princeton University Press, 2013.

REAL ROYALTY. **The Flirtatious Regency Balls Of Pride & Prejudice | Having A Ball | Real Royalty**. [S.l.], 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HxWmyq-7LgY>. Acesso em: 5 mai. 2023.

TAWNEY, R. H.; THOMPSON, F. M. L. **The Economic Advance of the Squirearchy in the Two Generations before the Civil War**. [Published as 'The Rise of the Gentry, 1558–1640']. In *The Creighton Century, 1907–2007*, edited by David Bates, Jennifer Wallis, and Jane Winters, DGO-Digital original, 2., 77–122. University of London Press, 2009. <http://www.jstor.org/stable/j.ctv13qfvvj.10>.

TODD, J. M. **The Sign of Angellica: Women, Writing and Fiction, 1660-1800**. Virago, 2012.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. São Paulo: Perspectiva, 2012.

THOMPSON, E.P. **A Formação da Classe Trabalhadora Inglesa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

WATT, Ian. **The Rise of the Novel: Studies in Defoe, Richardson and Fielding**. London: Chatto & Windus, 1957.